

JOSÉ CARLOS CORRÊA

Que Vitória é a capital mais violenta do país, já se sabia há algum tempo. Em abril, a revista "Veja" já havia publicado essa estatística. Três meses antes, a Unesco havia dito a mesma coisa, considerando as mortes violentas de jovens entre 15 e 24 anos. Na época, o prefeito Luiz Paulo chegou a duvidar dos números. Mandou conferir e passou a admitir o fato como verdadeiro. Na verdade, as estatísticas não o pegaram de surpresa, pois a violência já havia sido destacada quando o projeto Vitória do Futuro, em 1996, pesquisou as maiores preocupações da cidade. Foi por isso que, logo após assumir a Prefeitura, Luiz Paulo incluiu um núcleo de Segurança na Secretaria Municipal de Cidadania.

Por tudo isso, não chega a surpreender a ninguém a manchete publicada pela "Folha de São Paulo" no último domingo: "Vitória é a capital mais violenta". Mesmo que a matéria tenha se baseado em estatísticas de 1997, e que tenha colocado em segundo plano o fato de que, embora seja a primeira entre as capitais, Vitória está atrás de 12 outras cidades brasileiras nas taxas de homicídio, a matéria é rigorosamente atual. Primeiro porque, de 1997 para cá, a situação mudou para pior. Em segun-

do lugar porque, mais violentas que a cidade de Vitória, estão duas outras que fazem parte da Grande Vitória: Serra, a terceira cidade mais violenta do Brasil (só abaixo de Diadema, SP e Floresta, PE) e Cariacica, a nona. O que faz com que além de Vitória ser a capital mais violenta, a Grande Vitória é a primeira entre as regiões metropolitanas mais violentas do país.

E por que isso está acontecendo? Talvez valha a pena recordar o que concluiu, em 1997, o cientista francês Jean-Claude Chesnais num estudo sobre a violência criminal no Brasil. Disse ele que as seis principais causas são os fatores sócio-econômicos (pobreza, desigualdade), institucionais (insuficiência do Estado, crise do modelo familiar, recuo do poder da Igreja), culturais (problemas de integração racial e desordem moral), demografia urbana (gerações provenientes do período de explosão da taxa de natalidade chegando à vida adulta, surgimento de metrópoles), a mídia (que faz apologia da violência) e a globalização (o crime organizado, narcotráfico, posse e uso de armas de fogo, guerra entre gangues).

Do lúcido estudo de Chesnais podemos concluir que, como tais causas estão presentes em todo o país, a maior violência na Grande Vitória só pode ser explicada pelo fato de que em algum desses pontos estamos em pior situação do que as demais regiões metropolitanas. Como não somos a região mais pobre, nem onde estão as maiores desigualdades sociais, tampouco onde há mais crises no modelo familiar, nem a mais populosa ou nem tivemos no

passado a maior taxa de natalidade, a nossa deficiência está, exatamente, na chamada insuficiência do Estado, isto é, na incapacidade do Estado em enfrentar o problema. Só isso é capaz de explicar porque Grande Vitória tem uma taxa de homicídios maior que as do Rio e São Paulo, seis vezes maior que a de Natal e quatro vezes a de Belo Horizonte, Belém e Fortaleza.

Essa conclusão coincide com o que disse a população durante os sete Seminários Regionais de Segurança Pública realizados pela Prefeitura de Vitória. As maiores causas da violência apontadas foram o tráfico e consumo de drogas, a falta de policiamento e o desaparecimento da Polícia. Pesquisa da Futura, recentemente realizada para a Câmara de Vitória, aponta as drogas, os assaltos, as gangues e os crimes de mando como os maiores responsáveis pelos crimes na cidade. O prefeito admite que "a causa disso é o desmantelamento do sistema de Segurança Pública estadual, o sucateamento da Polícia".

Há solução para o problema? É claro que há. O Governo do Estado já começou a agir desde o início do ano, aumentando o policiamento ostensivo e retomando o comando dos presídios da Grande Vitória que estava em poder dos presos. Ainda falta

retomar os presídios do interior e implementar as ações, anunciadas em abril, da força-tarefa de combate ao narcotráfico. A Assembleia Legislativa, a pedido do prefeito da Serra, Sérgio Vidigal, está instalando uma CPI para apurar a existência de grupos de extermínio. E a campanha Violência, o problema é seu, a solução também, que está sendo veiculada pelas emissoras de rádio do Estado,

estimula o engajamento da população na questão.

O Rio de Janeiro, eterno exemplo negativo quando se fala da violência, já demonstrou na prática que quando o poder público se empenha e a população se engaja, é possível reduzir as taxas de criminalidade. "O Globo", de domingo passado, mostrou que desde que o movimento Viva Rio foi iniciado em 1995, a taxa de homicídio caiu. Era de 78,1 por 100 mil habitantes em 1994 e em 1998 passou a ser de 56,4. Pela primeira vez a taxa de homicídio carioca é menor que a de São Paulo. É sinal de que ações bem-coordenadas quase sempre trazem bons resultados.

Esse é o caminho que poderá levar a Grande Vitória a reduzir os atuais índices de violência. Os estudos, diagnósticos e propostas já foram feitos e existem em profusão. A hora, agora, é de agir. Até porque, como diz Cassiano Ricardo em "Aula na Jaula", se "há quanto tempo nos chamamos irmãos sem o sermos/ Uns matando os outros (já imemorialmente) por cidades e ermos/ Hoje, afinal, somos - todos - irmãos/ Por sermos, todos, sobreviventes".

JOSÉ CARLOS CORRÊA é jornalista e engenheiro

A nossa  
 deficiência  
 está na  
 chamada  
 ineficiência  
 do Estado